

## **GOLD: DA INCERTEZA AO REENCONTRO**

Helena Leite Mauro

Do início: de onde deveríamos começar. Pego emprestada esta, que é a primeira frase do espetáculo verbalizada pela Terra, para também iniciarmos o nosso percurso reflexivo, a fim de remontar e compartilhar o processo criativo que forjou a peça teatral “GOLD”. O espetáculo marcou não somente os 70 anos do Teatro Universitário da UFMG, mas também a retomada plena dos palcos em Belo Horizonte, esvaziados por quase dois anos inteiros devido à pandemia da COVID-19, que durante todo o processo de pesquisa e desenvolvimento da obra nos impôs incertezas que se referiam inclusive à própria linguagem teatral a ser construída. Junto a isso, a busca por uma temática contemporânea e urgente a ser debatida em cena moveu as tensões e atenções de toda a equipe artística para a questão da degradação da natureza e sua exploração desenfreada pelo sistema capitalista. Esse processo avança a passos largos no consumo dos recursos naturais, destruindo biomas e alterando significativamente o equilíbrio ecológico do planeta, nos sujeitando inclusive ao aparecimento de novas doenças e pandemias globais. Os recortes socioeconômicos e de classe, responsáveis por vulnerabilizar certos grupos às consequências nefastas dessa relação também não podem ser ignorados.

Traçado o eixo temático que guiaria a pesquisa do espetáculo, iniciamos o processo com pequenos seminários, nos quais os atores, individualmente, deveriam trazer células cênicas, improvisos, músicas, textos (dramatúrgicos ou não) e partituras que acreditassem dialogar com o tema proposto: a crise ambiental. Esses seminários aconteciam tanto em formato presencial quanto virtual por determinação da universidade para a manutenção das baixas taxas de contaminação da covid. A essa altura a população vacinada era elevada e isso se refletia sensivelmente nos números de contaminação e óbitos.

“GOLD” é um espetáculo presencial que foi criado de modo híbrido, e que durante todo o seu percurso de desenvolvimento foi assombrado com a possibilidade de uma piora nos índices sanitários da pandemia, o que poderia acarretar numa mudança abrupta de direção e concepção do trabalho. Nesse contexto, a equipe artística se questionava a todo momento: Os atores precisarão estar com máscaras cirúrgicas

durante a apresentação? A plateia também estará de máscara? Caso ocorra a piora dos indicadores, o espetáculo poderia rapidamente ser transformado em um espetáculo virtual? Uma vez imposta a necessidade de se realizar a apresentação de forma remota, a peça seria uma transmissão ao vivo ou uma gravação em diálogo com o cinema?

A pandemia poderia alterar radicalmente a linguagem do espetáculo, e a incerteza quanto a essas mil possibilidades se refletiu em cena. “GOLD” é uma peça que se transforma a todo momento, cuja linguagem cênica está em constante mudança, transmutando-se também junto ao cenário. Do teatro de máscaras para uma banda de rock, de um programa de televisão histriônico e verborrágico para o silêncio de uma partitura corporal, que reflete tanto a violência contra a Terra quanto contra a mulher. A peça se constrói múltipla devido às múltiplas incertezas que nos interpelam.

Mas retomemos a linha do tempo: durante a exibição em laboratório das primeiras improvisações e cenas levantadas pelos atores percebemos que, ao serem analisadas em conjunto, uma problemática temporal parecia permear a todas elas. Uma espécie de inflexão do tempo na relação entre a humanidade e a natureza. Enquanto algumas improvisações pareciam retratar uma natureza primeira, intocada, sem a presença do humano, ou, quando presente, em perfeita harmonia e comunhão com o meio, as outras improvisações já traziam consigo um retrato de uma relação com o ambiente atravessada pela modernidade e pautada pela exploração.

Estava desenhada a espinha dorsal da peça, uma obra que precisava driblar as incertezas da pandemia e que abordaria a urgente questão do meio ambiente, usando, para isso, um arco temporal que fosse da origem mitológica da Terra, enquanto símbolo da natureza, até o atual contexto em que se encontra em grave ameaça. Nesse caminho, seria sublinhado um ponto de giro, um momento ou imagem que pudesse sintetizar o descaminho na relação da humanidade com seu lar. O título “GOLD” remete a esse momento, além de fazer referência à atividade mineradora, principal atividade econômica de Minas Gerais e responsável pelos dois maiores desastres ambientais do Brasil.

Em uma análise decupada, é possível perceber quais das provocações da direção foram mais frutíferas para cada um dos momentos da peça. No início, onde se

instaura uma atmosfera e um tempo orgânicos, quando a natureza vibrava em equilíbrio com a humanidade, predominaram no processo as cenas referenciadas no livro *Memória do Fogo*, de Eduardo Galeano. As cenas trazidas geralmente eram carregadas de partituras físicas, de paisagens sonoras naturais, de ritmos dilatados e pulsantes e de um estado de atenção selvagem. As propostas individuais se disseminavam no coletivo, quando a direção estimulava improvisos que buscassem a criação de um coro, em uma ressonância coerente, para aprofundar ainda mais nessas atmosferas iniciais.

O segundo momento da peça, em que se aborda a exploração desenfreada da natureza, percebemos que a velocidade frenética da indústria e do consumo se impregnaram também no ritmo das cenas propostas. Nesse caso, os exercícios de criação quase sempre contavam com conflitos que expunham relações de poder, construíam imagens de exploração e abuso e eram desenvolvidos sempre de maneira acelerada. As referências mais evidentes, no caso, vêm do conto “Sinal Fechado”, de Marcelino Freire, e também dos programas de auditório mais vulgares da TV. O conto trouxe, além de um ambiente sugestivo, o trânsito das grandes cidades, uma pergunta provocativa: de quem é a culpa para a situação grave que vivemos? Já a intertextualidade com a TV, por gerar uma identificação imediata de seus códigos, oferece uma plataforma compartilhada para que a degradação do meio ambiente, tema do segundo momento, seja instaurada de maneira rápida, além de dar margem para o humor mais satírico.

Esse caminho, que segue uma ideia cronológica, e estes estados, em um primeiro momento lúdico e posteriormente frenético, embora ofereçam uma visão geral da peça, possível apenas a posteriori, não são capazes de explicar outros fatores que saltam aos olhos do público. A inclinação da equipe em direção à música e o cuidado com os recursos sonoros foi um fator constante em todo o desenvolvimento da obra. Para além da canção executada na íntegra, que é engendrada na dramaturgia e se desenvolve em sinergia com os estados instaurados, “GOLD” tem uma trilha sonora executada ao vivo do começo ao final, que nasceu dos mesmos exercícios que fundaram a dramaturgia e a interpretação. Esse cuidado se torna especialmente evidente no desenho sonoro das falas e nas frases que se repetem ao longo de cada momento (buzinas, pássaros, jingles televisivos e batidas de atabaque).

Toda a condução dos exercícios criativos teve sempre como ponto de partida o corpo do ator, a dramaturgia do movimento e a improvisação. Após três meses das vivências criativas descritas anteriormente, foi possível costurar a dramaturgia final do espetáculo que arrematou o desenho cênico da peça. Com a finalização desta etapa e o contexto pandêmico sob controle, foi possível que atores, direção e equipe técnica iniciassem os trabalhos de montagem na FUNARTE-MG. Assim, “GOLD” pode enfim estreiar na presença, no encontro entre atores e espectadores e a partir dessa experiência se firmar enquanto obra teatral viva, crítica, efêmera e autoral.